

# O LIMITE DA EMPIRIA É A FORMAÇÃO DE CONCEITOS

Marconi Oliveira da Silva\*

## 1. Introdução

A filosofia nasceu quando os gregos descobriram ou criaram o conceito.<sup>1</sup> Ou ainda, quando na busca pela essência ou substância do objeto prescindindo de suas aparências e multiplicidade, se chegou a uma conclusão que é o conceito. A possibilidade de ser amigo do saber, mais apropriadamente da sabedoria, foi proporcionado pelo conceito. É a razão criando um conhecimento conceitual e é o pensamento aflorando como saber fundante. Do saber filosófico se originou o saber científico, ou pelo menos, se evidenciou que a filosofia, e só ela, que vive e trabalha o infinito, o absoluto e o universal, pode esclarecer e dar sentido ao particular e singular das ciências. E a argamassa que une todos esses saberes é o conceito.

O conceito parece trazer em si mesmo, ou ser em si mesmo, uma relação com o objeto. Esta relação é compreendida e colocada, com algumas nuances diferenciais, na concepção do conceito por parte das mais diversas correntes filosóficas. A "referência" conceitual ao objeto e ao mesmo tempo sua quase total independência do mesmo, transforma o conceito em saber primordial, filosoficamente falando. Um saber liberto do singular e do particular.

O tomismo diz que o conceito é a formação mais simples do pensamento, que é uma expressão mental. Pela simples apreensão se atinge a coisa ou objeto na sua *quiddidade*,

---

\* Marconi Oliveira da Silva é professor da UFPE.

<sup>1</sup> Aristóteles diz que foi Sócrates quem descobriu o conceito.

(Met. XIII, 4, 1079b). A descoberta se deu pelo uso da indução.

isto é, aquilo que o objeto é. Na expressão latina: "id in quo intelligimus rem" (MARITAIN, 37). Segundo Pfänder conceito pode ser definido como uma *entidade lógica*. É o elemento último do pensamento. (MORA). Cassirer diz que "o conceito não é só o meio para *representar* a vida concreta do espírito, senão que é o elemento substancial propriamente dito do espírito." (CASSIRER, 24). Hegel na obra *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*, no § 160 diz: "O conceito é o que é livre, é o poder substancial que é para si, e é totalidade, porque cada um dos momentos é o todo e é posto com ele como unidade inseparável; o conceito é, pois, na sua identidade consigo, o determinado em si e para si." Para Wittgenstein, a palavra «conceito» é realmente demasiado vaga. Mesmo assim, toda investigação filosófica é investigação conceitual. No entanto, não existem os conceitos que a metafísica promove como superconceitos, e que estão e são além da linguagem e das formas de vida.

Qualquer que seja o entendimento que se tenha do que seja conceito, aceita-se que ele é o órgão do conhecimento da realidade. As mais diferentes formas pelas quais a realidade se apresenta correspondem ao conceito. A metafísica ora é chamada para sedimentar a relação conceito - mundo, ora ela é excluída pelas impossibilidades empíricas da própria formação do conceito.

Uma possível investigação filosófica poderia perseguir dois caminhos: o primeiro seria o percurso que determinado conceito levou para possuir o significado que tem; e o segundo, aplicá-lo na pluralidade das proposições a ele relacionadas. O que se pretende, agora, é o estudo do conceito de conceito na filosofia. Os conceitos específicos como o *cogito* cartesiano ou o *uno* platônico servirão de exemplos, pois podem revelar o próprio nascimento e desenvolvimento dentro da história da filosofia.

A grande dificuldade de uma pesquisa conceitual se enraíza na própria palavra que representa o conceito e que muitas

vezes se confunde com ele. E mesmo quando se faz a explicação dos termos (como os escolásticos), as dificuldades não desaparecem, já que conceitos aparecem nas mais diversas formas como: via conceitual; conexões conceituais; em momentos de transformação; às vezes como predicado; confundido como uma definição; algo assim como imagem; conceito como uso; conceito como método; conceito como instrumento; conceito enclausurado; e muitas outras.

De qualquer forma o conceito não nos é dado *a priori*, assim como o dado intuitivo na experiência sensível de que fala Aristóteles. No início da primeira parte da *Crítica da Razão Pura*, Kant diz que "fora da intuição, não há outra maneira de conhecer senão por conceitos", isto é, um conhecimento por conceitos, um conhecimento discursivo. E é a empiria a formadora dos conceitos que por sua vez limitam a própria empiria, na observação wittgensteiniana. Sendo assim, é na relação empiria X conceito que se encontra o campo da investigação filosófica propriamente dita. E como expressão dessa relação está a linguagem como totalidade do mundo, ou pelo menos, totalidade do mundo conceitual.

## 2. Filosofia é Investigação Conceitual

A Filosofia parece ser o conhecimento do universo ou de tudo o que há. Ela, na verdade, busca a compreensão do desconhecido. Em outras palavras, vai ao encontro de si mesma. É uma investigação na procura de respostas, mas não é a resposta seu objetivo. É a própria investigação. É o pensamento em relação consigo mesmo. Mas, como o pensamento precisa ser dito, surge a linguagem e com ela a palavra que representa o conceito. Assim, as dificuldades vão surgindo no próprio ato de pensar e dizer não solipsisticamente.

As investigações da filosofia são investigações conceituais. Já a metafísica apaga a distinção entre investigações factuais e conceituais. (Z, 458). Se eu entendo o que Wittgenstein

quer dizer, a grande confusão ou enfeitiçamento do pensar e do dizer está em tomar os fatos pelos conceitos e os conceitos pelos fatos. É claro que fato aí se refere tanto à proposição que se refere ao mundo como também o acontecer na realidade. Por outro lado, o conceito, fruto e resultado da empiria já não tem mais relação imediata com os objetos. No entanto, a filosofia tratada como metafísica considera os conceitos de modo empírico. Não bastasse essa dificuldade, a linguagem onde mora a filosofia traz mais embaralhamento, uma vez que se adota a palavra ou mesmo a frase como sendo ela o próprio conceito.

A história da filosofia é, de certa forma, a história da criação dos conceitos, a história da compreensão destes conceitos e a história da expressão dos mesmos. Nesse caminhar ou nessa peregrinação é a linguagem que ao mesmo tempo que vai possibilitando o esclarecimento dos conceitos, também favorece o seu obscurecimento. E não há como fugir da linguagem, pois a linguagem é o próprio homem. E pela contingência que é o homem, seus conceitos, com qualquer adjetivação que se ponha neles, são também contingentes e limitados pela empiria.

O meu objetivo é delinear qual seria o conceito, (se existe), próprio do filosofar. Quer dizer, quando Descartes cria o conceito *Cogito* ele se utiliza de uma gama imensa de outros conceitos para fundamentar e basear sua criação. A própria palavra *cogito* é modificada no seu significado original ou como se encontra na linguagem comum. Os inúmeros conceitos auxiliares, se posso chamá-los assim, utilizados na formação ou construção do novo conceito filosófico, são também filosóficos? Isto é, próprios da filosofia?

Por outro lado, para a criação de conceitos vários dos procedimentos relacionados abaixo são exequíveis, mas, ao mesmo tempo, podem ser fatores de provocação de enfeitiçamento, em vez de esclarecimento. Vejamos alguns:

- a) retirar o conceito original do sistema ao qual pertence;
- b) desprezar ou desconhecer a empiria que formou o conceito;
- c) confundir a palavra com o conceito;

- d) criar conceitos sem a participação da empiria;
- e) confundir conceito científico com conceito filosófico;
- f) confundir sentimentos com conceitos;
- g) confundir imagens com conceitos;
- h) confundir conceitos transcendentais com conceitos imanentes;
- i) confundir o objeto com o conceito do objeto e vice-versa;
- j) esquecer o empirismo das palavras e confundir ou encarar a palavra como parte do objeto que representa.

Enfim, novamente nos perguntamos: todos os conceitos auxiliares na formação do novo conceito, (por exemplo, o conceito de mônada/Leibniz), são conceitos da filosofia?

Seria o conceito filosófico um conceito sem objeto ao contrário do conceito científico que representa objetos? Que analogia é possível entre estes dois tipos de conceitos? Em filosofia seria como a matemática em que sua proposição parece se referir a uma realidade exterior a si mesma, porém não sendo ela mais que a expressão de um novo parâmetro da realidade. (OFM, III, § 27).

Qualquer que seja o uso mais correto para conceito em filosofia, a verdade é que a linguagem é a mediadora entre a filosofia e a realidade. Mas como já disse, a linguagem é o próprio homem e por isso movimenta-se entre os dois mundos possíveis – o mundo real e o mundo ideal – à cata dos liames que unem (?) matéria e espírito, física e metafísica, o essencial e o acidental. A história da filosofia, por isso mesmo, vem registrando as perguntas e as respostas dessa investigação sem fim. O empirismo é uma destas respostas. Nele, tentaremos encontrar o caminho percorrido pelo conceito como próprio da filosofia. Os demais sistemas filosóficos serão contrapostos ao empirismo para que se possa auferir com mais clareza o sentido que se procura do conceito para a filosofia.

A tarefa não é fácil, pois os “conceitos nascem na alma individual como as folhas nas árvores” no dizer de Frege. Acrescenta ainda mais dizendo que pode levar séculos para se conhecer um conceito em sua pureza, extraindo dele os

invólucros estranhos que o dissimulam aos olhos do espírito. (FREGE, 1974:206).

Outra grande dificuldade é que só podemos investigar um conceito investigando uma palavra, e como as palavras, apesar de muitas, são poucas para representar uma gama dos mais variados conceitos, o caminho se torna árduo, pois poderá haver uma mesma palavra para representar conceitos diferentes.

A formulação e a demonstração do conceito também vão complicando e obscurecendo o seu significado e compreensão, em geral. Muitas vezes, a própria demonstração já é o conceito e o pesquisador não percebe. Ele quer encontrar algo por trás do conceito que corresponda a algo que se encontra na sua mente, na concepção agostiniana da linguagem, e nada encontrando, às vezes, cria um superconceito, escamoteando as perguntas e as respostas esperadas.

E ainda mais: o conceito de algo se aprende com a linguagem. Precisamos compreender o uso da palavra e sua respectiva representação do conceito dentro da linguagem para nos apercebermos do seu significado. É como diz Wittgenstein: "Você aprendeu o *conceito de "dor"* com a linguagem". (IF, 384). Às vezes, a investigação conceitual já faz parte da aprendizagem do conceito, isto é, o conceito é também um método.

### 3. O Conceito de Conceito em Filosofia

As definições de conceito são variadas, mas todas concordam que ele proporciona a descrição, a classificação e a previsão de objetos cognoscíveis (reais, ideais, metafísicos, axiológicos, concretos, abstratos, universais, particulares e os próprios conceitos).

O conceito pode ser indicado por um *nome*, mas não é um nome (palavra). O conceito também não é uma *imagem* e esta não o representa. O conceito não é o *objeto*. O conceito não é a *idéia*. Por outro lado, o conceito pode ser representado por *signos, símbolos, números, palavras*.

A função primordial do conceito é a comunicação, daí sua ligação com a linguagem. Ele é um signo linguístico e tem uma validade intersubjetiva e é uma realidade como tal. Porém, o conceito não é apenas *signo*, o conceito é também a *essência* das coisas. São duas posições que se fazem presentes em toda história da filosofia e são inauguradas com Platão e Aristóteles. Platão coloca o universal como sendo a própria realidade, como o Belo, o Bem...que são substâncias, realidades absolutas e últimas. Essas realidades últimas (*substâncias, espécie, forma / ente*) são em si mesmas e são em nós pelo conceito. Aristóteles coloca a questão do *λογος* como circunscrevendo e definindo a substância, e sendo incorruptível e que não pode ser reproduzido. Diz que o conceito é idêntico à substância, e, portanto, à estrutura necessária do ser. O caráter universal do conceito é derivado da sua necessidade. Nos dois filósofos está presente a noção de *mente* humana como contendo a verdade dos entes. Os conceitos são forjados pela mente e correspondem às formas com que a realidade se apresenta através da abstração como são demonstradas pela lógica e metafísica aristotélicas.

Na Idade Média é posto o problema dos *universais* representados pelo conceito de *gênero* e pelo conceito de *espécie* que constituem concepções fundamentais.<sup>2</sup> Com isso se delineou dois caminhos ou duas posições relacionadas aos conceitos. A primeira foi chamada de **realismo** - (racionalismo) – seguindo a linha de Platão e Aristóteles, e a segunda de **nominalismo** – (conceitualismo) – seguindo a linha do estoicismo.

### 4. O Caminho Realista (Racionalista)

A escolástica assume a primeira posição afirmando a realidade do conceito como essencial à realidade mesma. O conhecimento perfeito, portanto, é aquele em que existe

<sup>2</sup> Os conceitos de gênero e de espécie estão relacionados com a extensão do conceito que consiste nos objetos / indivíduos compreendidos pelo mesmo. É o número de objetos do pensamento sob determinado conceito.

semelhança entre o que conhece e o conhecido, ou semelhança da coisa entendida como sua essência. Tomás de Aquino e Duns Scot são os principais representantes dessa tese.<sup>3</sup>

A filosofia moderna, de certa forma, prossegue com o realismo como bem expressa o príncipe dos filósofos Espinosa:

“um círculo existente na Natureza e a idéia desse círculo existente, a qual existe também em Deus, são uma e a mesma coisa, expressa por atributos diferentes. E assim, quer concebamos a Natureza sob o atributo da extensão, quer sob o atributo do pensamento, quer sob outro atributo qualquer, encontraremos sempre uma só e a mesma ordem, por outras palavras, uma só e a mesma conexão de causas, isto é, encontraremos sempre as mesmas coisas seguindo-se umas das outras.”

(ESPINOSA, *Ética*, II, 7- 1973:147).

Kant segue um realismo do conceito limitado ainda a uma realidade fenomênica. De início faz a distinção entre a derivação fisiológica dos conceitos e a dedução dos conceitos mesmos, ou a demonstração de sua validade. Separa, portanto, a validade lógica da realidade psicológica dos conceitos. (*Crit. R. Pura*, § 13). Depois estabelece: de um lado há os *conceitos empíricos* que derivam da sensação, quando comparamos objetos de experiência, e de outro lado há os *conceitos puros* ou *categorias* que constituem as coisas mesmas enquanto são percebidas. São os *conceitos puros* que possibilitam

<sup>3</sup> A escolástica empregou o vocábulo *conceptus* como semelhante de *notio*, mas faz diferença entre eles. *Conceptus* seria o *conceito formal* (ou mental) que é o ente como está expresso na mente e pela mente, e *notio* seria o *conceito objetivo* que é o ente a que corresponde a noção mental, ou, é o que conhecemos da coisa pelo conceito mental.

conhecimentos apriorísticos da realidade e que consistem em juízos sintéticos verdadeiros *a priori*. São, portanto, formas do entendimento e também condição dos objetos fenomênicos. O que é fundamental em sua doutrina é que o caráter constitutivo dos conceitos puros funda o caráter representativo mesmo dos conceitos empíricos. O princípio supremo de todo conhecimento humano é a operação do entendimento humano, “o qual não é mais do que a capacidade de ligar *a priori* e submeter o diverso das representações à unidade da apercepção.” (*Crit. R. Pura*, *Análítica dos Conceitos*, § 16).<sup>4</sup>

O conceito kantiano não constitui toda realidade e não é criador da realidade mesma. Porém, o conceito constitui a ordem necessária pela qual a realidade se revela para a pesquisa científica, como submetida a leis imutáveis. Assim sendo, a combinação dos conceitos puros com as intuições puras constitui o *esquema* necessário da realidade empírica, a única possível de ser interrogada e conhecida.

Em tempos mais recentes Hegel não aceita o conceito como pura representação subjetiva, mas afirma o mesmo como a essência mesma das coisas, seu “em si”. De certa forma é um sentido metafísico que Hegel dá para o conceito. É como se o conceito fosse o terceiro termo entre o ser e o devenir, entre o imediato e o mediato e, dentro do processo dialético, o conceito se manifesta ou se desenvolve como ser lógico e também como

<sup>4</sup> Os *conceitos puros* ou *categorias* são apenas funções lógicas e não conceitos de objetos. Mas Kant afirma que por meio das categorias podem ser determinados com exatidão o verdadeiro significado dos conceitos de entendimento puro e sua condição de uso. “Pois aí verificou-se que elas, por si, nada mais são que funções lógicas, como tais não constituem o mínimo conceito de um objeto em si mesmo, mas precisam da intuição sensível como fundamento, servindo, então, apenas para determinar juízos empíricos, que em relação a todas as outras funções de juízo são indeterminadas e indiferentes, tornando-as, assim, universalmente válidas e possíveis por meio de *juízos de experiência* em geral.” (KANT, *Prolegômenos*, § 39).

ser real. Quer dizer, o conceito não é apenas uma determinação intelectual abstrata, mas o que tem realidade.<sup>5</sup>

A filosofia moderna, de certa forma, vinculou o conceito ao desenvolvimento da idéia e mais ainda como uma realidade psicológica. E. Husserl volta-se para a linha de pensamento de Aristóteles e aceita o que é colocado pelo logicismo de que o conceito é formado psiquicamente. É assim que se pode dizer que uma representação varia de um tempo para outro tempo, ou de uma pessoa para outra pessoa. No entanto, o conceito deve ser tido como realístico à essência – objeto. Diz Husserl que é melhor falar de “intuição das essências” como ato análogo à percepção sensível, do que falar em Conceito pelas essências. Em outras palavras, conceitos como objeto apenas possuem sentido quando convertidos a um objeto empírico observável.

Ao refutar as teorias nominalistas, Husserl chega à conclusão de que existem “*verdades evidentes, que se relacionam a objetos ideais [...]*”. Com isso, fica demonstrado que *devem existir conceitos universais* e que sua admissão não conduz de maneira alguma a absurdos, como freqüentemente se afirma.” (STEGMÜLLER, 1977:66).

## 5. O Caminho Nominalista (Conceitualista)<sup>6</sup>

Em linhas gerais o conceito para o nominalismo (que segue o estoicismo e o empirismo) é um signo do objeto e se encontra em relação de significação com o objeto. O conceito tem uma função meramente designativa. Sendo assim, não tem sentido um signo de algo evidente, mas somente signo de coisas obscuras provisoriamente ou obscura por natureza. Para o objeto

<sup>5</sup> A definição de Hegel de conceito se encontra no início da Introdução deste trabalho.

<sup>6</sup> Sob esse subtítulo estão as teorias empiristas do conceito que são mais abrangentes do que simplesmente nominalismo. Wittgenstein, por exemplo, não se considera um nominalista.

incógnito por um momento há o signo evocativo ou rememorativo. Por exemplo: onde há fumaça há fogo. Para o objeto incógnito por natureza, há o signo indicativo. Por exemplo: expressa estado de alma. Mas, o que é signo? Signo é uma proposição condicional do tipo *se...então*. Quer dizer, quando é uma proposição antecedente e verdadeira, ela é reveladora da proposição conseqüente. As condições que se colocam é que, em primeiro lugar, o antecedente e o conseqüente sejam verdadeiros, e em segundo lugar, deve ser reveladora, dizer algo não evidente imediatamente.

Na Idade Média Boécio segue a teoria esboçada acima, assim como também é acompanhado por Abelardo (século XII), que acentua o caráter predicativo do conceito. Nega que o conceito possa ser tido como coisa (*res*) ou como nome (*vox*), já que *res* e *vox* são coisas e não podem ser predicadas de outras coisas.

Abelardo usa o conceito como um discurso (*sermo*) que é diferente de um nome (*vox*), e implica uma referência semântica, que depois, na escolástica tardia, foi chamado de *supositio*.<sup>7</sup> Essa posição foi adotada até meados do século XIII e ficou como doutrina da suposição.

### 5.1 O Empirismo

O empirismo é uma doutrina e um método que reconhece e considera como válida a experiência, como única fonte de conhecimento. Fora da experiência o que fica são as definições e as hipóteses arbitrarias. Os conceitos e os juízos universais são explicados também pela experiência.

Na história da filosofia o empirismo aparece com o *atomismo* que procura conciliar o ser estável e uno com o

<sup>7</sup> “Da significação de um conceito e do termo que o designa importa distinguir a suposição deste termo, ou seja a aplicação dele a determinados objetos, a qual pode mudar sem que varie o significado do vocábulo.” (Brugger, 1962:509).